

A Vontade Nacional sob a Perspectiva de Ameaça

E. Margaret Phillips

*Next year we are to bring all the soldiers home
For lack of money, and it is all right.
Places they guarded, or kept orderly,
We want the money for ourselves at home
Instead of working. And this is all right.*

*It's hard to say who wanted it to happen,
But now it's been decided nobody minds.
The places are a long way off, not here,
Which is all right, and from what we hear
The soldiers there only made trouble happen.
Next year we shall be easier in our minds.*

—De “Homage to a Government,” Philip Larkin, 1969*

O DOCUMENTO SOBRE O Ambiente Operacional do gabinete de Inteligência do Comando de Instrução e Doutrina do Exército dos EUA (*Training and Doctrine Command — TRADOC*) afirma que os adversários do país identificaram a *vontade nacional* como uma vulnerabilidade historicamente crítica na postura de segurança nacional dos EUA¹. O poema de Philip Larkin, citado acima, relata o desafio que as operações militares enfrentam quando o apoio doméstico é substituído pela fadiga e pela impaciência. Embora Larkin o tenha escrito em 1969, os sentimentos que ele descreve são eternos, e o

[*Em tradução livre: No próximo ano, traremos nossos soldados para casa./Por falta de dinheiro, e isso está bem./Eles protegeram lugares ou mantiveram a ordem./Queremos o dinheiro para nós, aqui em casa./Ao invés de produzindo. E isso está bem./É difícil dizer quem quis que isso fosse acontecer./Mas agora que foi decidido, ninguém se importa./Os lugares são distantes e não aqui./O que está bem, e pelo que ouvimos./Os soldados que estavam lá só criaram problemas./No ano que vem, nossa consciência estará mais tranquila.

THWAITE, Anthony (ed.) *Philip Larkin: Collected Poems* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 2003), p. 141.]

E. Margaret Phillips é assistente de pesquisa da Seção de Promoção de Saúde do III Corpo de Exército, no Forte Hood. Serviu como analista de Inteligência na Seção de

poema poderia facilmente se referir a 2010. A vontade nacional, na idade moderna, é um aspecto até mais importante do que o sucesso militar. Quando os especialistas estratégicos dos EUA fazem planos para o futuro, devem considerar como o apoio político e da opinião pública (que aqui servem como nossa definição da expressão “vontade nacional”) podem se tornar alvos do adversário, em caso de conflito. Os comandantes de operações militares devem lembrar que os adversários consideram as tropas norte-americanas não apenas como simples alvos militares, mas também como um alvo para atingir a

vontade nacional, indiretamente. Os soldados em campanha, por sua vez, precisam ter o entendimento de como e por que são vistos como símbolos, e receber as ferramentas necessárias para utilizarem esse conhecimento no teatro de operações.

Embora o combate convencional sempre seja uma possibilidade, o foco principal para os interesses estadunidenses, no futuro previsível, será a guerra irregular. Se uma vitória decisiva não for obtida, o atrito prolongará o conflito e provocará maior desgaste em termos de recursos e de determinação da nação. Essa dinâmica ocorreu no passado e ocorre mais uma vez agora. Tais condições destacam a importância da aprovação pública como um elemento-chave para alcançar objetivos militares.

É importante entender as motivações, as táticas, as técnicas e os procedimentos

Inteligência do Comando de Instrução e Doutrina do Exército dos EUA, no Forte Monroe, Virgínia. Possui o título de Bacharel em Ciência Política pelo College of Holy Cross.

envolvidos em ataques futuros, que tenham como alvo a vontade nacional dos EUA. Três variáveis principais fornecem um enquadramento para discuti-los aqui: o tempo de duração das operações, o potencial de envolvimento dos EUA em conflitos persistentes de baixa intensidade e o modo pelo qual tanto os Estados Unidos quanto seus adversários podem atuar sobre a vontade nacional.

Duração das Operações

Com exceção do Vietnã, a duração média do engajamento dos EUA em um conflito não excedeu quatro anos — desde a Revolução norte-americana até o final do século XX².

Um dos desafios que esse histórico sugere aos formuladores de política, reside no fato de que os objetivos políticos podem mudar ao longo do tempo. Uma exigência como essa foi, certamente, o que ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial, quando a evolução dos objetivos correspondeu ao agravamento do conflito³. Um adversário que seja um bom observador pode tentar sincronizar seus

ataques com uma alteração nos objetivos dos EUA, com uma mudança de governo ou como uma reação aos eventos no campo de batalha. Os adversários podem explorar certas oportunidades para semear e talvez estimular o questionamento entre a população. Isso é particularmente verdadeiro quando o público questiona moralmente as razões do

“Nascemos aqui. Morreremos aqui. Não vamos a lugar algum”.

envolvimento militar no estrangeiro. Produzir más notícias durante um período em que os objetivos de um conflito são indistintos ou instáveis provavelmente levantará questões sobre a razão pela qual os Estados Unidos gastam vidas e recursos financeiros em um conflito duvidoso.



Mikhail Evstafiev

Combatentes chechenos cercam um helicóptero russo abatido perto da capital chechena de Grózni, Dez 94.



Um bombeiro da cidade de Nova York observa o que restou do World Trade Center após seu desmoronamento, durante o atentado terrorista de 11/9.

Se os Estados Unidos preveem um futuro com guerras irregulares contínuas em terras estrangeiras, a duração de uma operação se torna cada vez mais importante. A história diz que o tempo está ao lado dos adversários nativos e que as noções tradicionais de vitória ou de derrota decisiva se tornam inerentemente vagas sob tais condições. Recentemente, o General-de-Divisão da Reserva David W. Barno declarou que o Talibã considera que está ganhando a guerra no Afeganistão; que a guerra está quase terminada e eles estão apenas “fazendo hora” enquanto esperam⁴. Os talibãs corroboram o argumento. “Nunca nos preocupamos com o tempo”, declarou um combatente do Talibã. “Lutaremos até a vitória, não importa quanto tempo leve. Os Estados Unidos possuem as armas, mas estamos preparados para uma *jihad* longa e incansável. Nascemos aqui, morreremos aqui. Não vamos a lugar algum”⁵. Essa atitude reflete uma lição

da história e uma verdade moral e psicológica universal: forças de ocupação estrangeiras podem ser desgastadas com o tempo⁶.

A experiência russa na Chechênia é ilustrativa. Em 1818, quando os Estados Unidos eram um jovem país, de apenas 42 anos, a Rússia enviou o violento General Aleskei Yermolow para subjugar os territórios chechenos rebeldes⁷. Os soldados de Yermolov cometeram toda sorte de atrocidades e não é de causar surpresa que tenham sido incapazes de dominar o povo checheno⁸. Um jovem clérigo organizou um exército de guerrilheiros muçulmanos e liderou uma rebelião contra a Rússia imperial por 25 anos⁹. Dois séculos depois, as relações entre a Rússia e a Chechênia permanecem hostis.

Em 1999, o então Primeiro-Ministro Vladimir Putin reiniciou o conflito russo na Chechênia — ressuscitado sob Boris Yeltsin — prometendo um combate de duas semanas¹⁰. Em 2001, com o conflito checheno ainda em progresso, o público russo estava cansado¹¹. A partir de 2002, os militantes e guerrilheiros islâmicos dominaram a noite e as Forças de resistência chechenas coordenavam ataques tanto contra as tropas russas quanto contra alvos de grande visibilidade na Chechênia¹². Os militantes também começaram a empregar homens-bomba e ataques contra civis, acabando por realizar um ataque na própria cidade de Moscou, em 2002¹³.

O atentado contra o Teatro da Rua Dubrovka, em Moscou, marca uma transição para o entendimento dos efeitos de ataques estrangeiros contra a vontade nacional, em contraste com o impacto causado por ataques domésticos. Antes de 2002, os cidadãos russos estavam, em grande parte, divididos com respeito ao conflito checheno¹⁴. A crise dos reféns no Teatro da Rua Dubrovka, em Moscou, foi executada por militantes chechenos, para tentar pressionar o governo russo a retirar suas tropas de seu país¹⁵.

Um refém relatou uma conversa com um militante, na qual o mesmo explicou que, como os chechenos não estavam conseguindo fazer algo para convencer o governo russo a se retirar, estavam utilizando civis russos como alvos, para forçar a mudança que desejavam. O militante também reclamou que o povo russo era indiferente à violenta situação na Chechênia¹⁶. O Teatro da Rua Dubrovka foi especificamente

escolhido para atingir a vontade nacional russa. Era um símbolo da Moscou pós-soviética remodelada, uma capital que floresceu ignorando as atrocidades cometidas por seu governo na Chechênia¹⁷. Nos dois anos seguintes, ataques terroristas mataram mil pessoas na Rússia, mais do que em qualquer outro país durante o mesmo período¹⁸. Os ataques desencadearam duras respostas por parte do governo e das Forças Armadas russas, mas o entusiasmo inicial do público acabou diminuindo¹⁹.

Comparar essas condições com as existentes nos Estados Unidos é algo revelador. Apesar de serem relativamente raros, os ataques estrangeiros como esses, em território estadunidense e contra a vontade nacional (os atentados de 11/9, por exemplo), têm, historicamente, mobilizado os norte-americanos. Na consciência coletiva da Rússia, a Chechênia evoca séculos de conflito, mas os Estados Unidos têm uma memória histórica relativamente curta para ser explorada. A população dos EUA não está acostumada a constantes conflitos étnicos e nacionalistas, diferentemente da Rússia — essa afirmação deve ser entendida considerando-se que os americanos nativos [índios] e os afro-descendentes tiveram de se conformar e conviver com o colonialismo e o imperialismo europeus por 500 anos, como alguns argumentam.

Na canção dos rebeldes irlandeses “Go On Home British Soldiers” (“Vão para Casa Soldados Britânicos”, em tradução livre), as letras proclamam: “Por oitocentos anos temos

Um jovem clérigo organizou um exército de guerrilheiros muçulmanos e liderou uma rebelião contra a Rússia imperial por 25 anos.

lutado sem medo contra vocês / E por mais oitocentos os enfrentaremos”²⁰. Os sentimentos nessa canção refletem um conflito que dura gerações e que irromperam mais uma vez, em 2009, com a morte de dois soldados britânicos

e a descoberta de bombas confeccionadas a partir de fertilizantes por toda a Irlanda do Norte²¹. Além disso, esses sentimentos refletem a mesma estratégia articulada pelo combatente talibã: vivemos aqui há bastante tempo e a única coisa que temos que fazer é conseguir que vocês saiam. Países com memórias históricas mais longas talvez sejam mais dispostos a aceitar e até a aprender a ignorar embates duradouros (como os russos parecem ter feito com a Chechênia), especialmente quando assuntos como nacionalismo e ideologia estão envolvidos. Embora os Estados Unidos não tenham experiência com conflitos de longo prazo, devem reconhecer o potencial para embates prolongados, quando uma solução pacífica de longo termo for algo vago.

Influenciando a Vontade Nacional

Conflitos prolongados e objetivos que mudam constantemente levam a uma questão frequentemente levantada sobre o Iraque e o Afeganistão. Como se parecerá a “vitória”? Em seu artigo “Theory of Victory” (A Teoria da Vitória, em tradução livre), J. Boone Bartholomees sustenta a noção clausewitziana de que a “vitória” é alcançada pela quebra da “vontade”, quando os meios da resistência são praticamente impossíveis de eliminar — especialmente em lugares onde os dispositivos explosivos improvisados (IED, na sigla em inglês), facilmente adquiridos ou fabricados, são a principal “arma de influência estratégica” (um conceito a ser analisado mais adiante)²². Contudo, o que significa a “vitória” no contexto da vontade nacional dos EUA? Aceito a afirmação de Bartholomees de que a noção da vitória é, em última instância, uma avaliação. Fatos objetivos são importantes, mas a percepção é aquilo que permite que um dos lados reivindique o sucesso, no final das contas²³. Nos EUA, sugere Bartholomees, quem primeiro declara uma vitória ou uma derrota é a população norte-americana. Em seu título, antes de tudo, é o próprio povo norte-americano quem determina a vitória, o que leva as elites políticas e militares estadunidenses a também declarar vitória. A isso segue-se o reconhecimento da vitória pelos aliados dos EUA e, por fim, pela

comunidade internacional²⁴. Em um conflito irregular, a pouca probabilidade de que haja um ato simbólico de rendição ou de aceitação da derrota nega ao público norte-americano o que seria seu entendimento histórico de uma clara vitória ou derrota. o que complica essa definição de sucesso²⁵. A vitória pode, às vezes, significar somente o retorno bem-sucedido à estabilidade. Os objetivos do conflito eram vagos, para começar, e não há um tratado firmado, nem uma “espada deposta”. Se as razões e os meios necessários para desencadear o conflito não são claros, defensáveis e justificáveis, então talvez não haja como obter algo que pareça com uma vitória tradicional.

Como a população fica aguardando no *front* doméstico, o problema que a “percepção que substitui a vitória” cria para os comandantes dos EUA é a probabilidade de que adversários atuais e futuros “ataquem a vontade nacional e política dos EUA com campanhas de informações muito sofisticadas, além de buscarem executar ataques físicos ao território norte-americano. As operações militares irão resultar em operações que exigirão comprometimento de longo prazo em lugares distantes e que irão requerer uma ampla gama de ferramentas interagências e não militares para serem resolvidas. E tudo isso será executado sob o olhar incansável da mídia

A vitória pode, às vezes, significar somente o retorno bem-sucedido à estabilidade. Os objetivos do conflito eram vagos, para começar, e não há um tratado firmado, nem uma “espada deposta”.

onipresente, tanto formal quanto informal, potencialmente conferindo uma importância global aos eventos locais²⁶.

O conceito conhecido como “a batalha das narrativas” ganhou força em certos círculos da

Defesa, e é descrito no documento “Ambiente Operacional Conjunto” (*Joint Operations Environment*) de 2008, do Comando das Forças Conjuntas (*Joint Forces’ Command*) como um “sofisticado gerenciamento de percepção”, em que adversários incorporam ataques e eventos isolados a um “coerente programa de comunicações estratégicas”²⁷. Como descrito em “*Waging Communication War*” [“Combatendo na Guerra de Comunicações”, em tradução livre], de Kenneth Payne, o problema desse ponto de vista é que o insurgente não precisa converter todos os membros de uma sociedade ou de uma população para alcançar seus objetivos²⁸. Dependendo de seu objetivo político, o insurgente pode dizer, com acerto, que venceu, no caso de uma retirada norte-americana²⁹. Portanto, é improvável que as mensagens do adversário tomem a forma de uma narrativa atraente e planejada para cativar e seduzir o público. Como os radicais chechenos no Teatro da Rua Dubrovka, os futuros adversários dos EUA irão, simplesmente, buscar o engajamento em batalhas de vontades e não de narrativas, e irão travar essa batalha com ações e mensagens destinadas a enfraquecer a vontade nacional estadunidense.

Ataques contra as Forças dos EUA no teatro de operações, visando a atingir a vontade nacional, podem ser particularmente efetivos: é provável que os conflitos entre Estados diminuam, na medida em que aumentam a quantidade e a força de atores não estatais³⁰. Os adversários irregulares continuarão a mobilizar seus pontos fortes contra nossas fraquezas. Como a nossa experiência no Iraque demonstra, ataques dramáticos contra as tropas dos EUA são um multiplicador de força altamente compensador. Pelo preço de um telefone celular com câmera, os adversários podem enviar uma poderosa mensagem aos formuladores de política e aos eleitores dos EUA. Um aumento de atividade on-line, incluindo a transmissão de notícias, garante um público cativo para tais espetáculos³¹. Segundo Payne, “os insurgentes no Iraque, particularmente a *Al-Qaeda*, atuavam com equipes de reportagem de combate regularmente e distribuíam filmes curtos editados de forma profissional, que incluíam ideologia e violência”³².

As Forças Armadas dos EUA não são responsáveis por cultivar a vontade nacional

necessária a esse tipo de conflito (embora sejam parcialmente responsáveis pela preservação dela). Os formuladores de política e seus assessores têm essa responsabilidade, porque são aqueles que decidem se uma guerra pode obter apoio moral do público (psicológica e eticamente). Os responsáveis pelo planejamento

Os formuladores de política... têm essa responsabilidade, porque são aqueles que decidem se uma guerra pode obter apoio moral do público (psicológica e eticamente).

militar podem apenas assumir, com base na tradicional paciência limitada dos EUA quando enfrentando um engajamento militar prolongado, que a vontade nacional se tornará um alvo do adversário, e se preparar para isso. Como mencionado anteriormente, as Forças militares dos EUA podem esperar que ocorram mais ataques com armas de influência estratégica, das quais os IED são o principal exemplo, uma vez que seu “efeito imediato e cumulativo é alcançar objetivos estratégicos política, econômica, social e militarmente”³³. A Organização Conjunta para Derrotar os Dispositivos Explosivos Improvisados (*Joint Improvised Explosive Device Defeat Organization*) prevê que o uso continuado, aperfeiçoado e ampliado desses métodos se espalhará mundialmente pelo simples fato de que “nenhuma outra arma terrorista com tamanha disponibilidade tem maior potencial para despertar a atenção dos meios de comunicação de massa e influenciar estrategicamente”³⁴. Independentemente do futuro dos próprios IED, o impacto cumulativo desses contra a vontade nacional estadunidense podem afetar e talvez motivar ataques futuros contra as Forças dos EUA. A forma que as

armas de influência estratégica irão assumir no futuro não é tão importante quanto as características e os objetivos por trás delas: simplicidade, adaptabilidade, visibilidade, letalidade e explorabilidade.

Os adversários sempre estão atentos para tirar proveito de oportunidades de informações — não somente divulgando suas próprias ações, mas também destacando os erros dos militares dos EUA. A situação irônica das táticas terroristas está no fato de que somente a força de ocupação começa com um déficit moral, além de ainda ter o ônus de manter a vontade nacional. Como já mencionado, a informação e seu valor não podem ser divorciados de uma discussão sobre a vontade nacional. Quando fotografias ou relatórios documentando o comportamento irresponsável das Forças dos EUA são revelados na esfera pública, nossos adversários ganham publicidade favorável, porque passam a dispor de um divisor moral. Devemos planejar as missões futuras sob a premissa de que alguém está vigiando e transmitindo nossas ações, frequentemente com o intento de influenciar a vontade nacional. Isso significa que temos de ser consistentemente melhores do que o inimigo local em termos morais, uma vez que ele começa com vantagem nesse aspecto.

Portanto, as operações dos EUA precisam incorporar o entendimento de que os conflitos geralmente serão longos, irregulares e acompanhados mundialmente, por meio da mídia. Para manter sua moral e sua determinação, as Forças dos EUA devem compreender que, enquanto a população interna lida com noções convencionais de “vitória”, elas terão de aceitar o fato de que os conflitos irregulares podem terminar com compromissos não previstos. O problema com a vontade nacional irá persistir, enquanto o público estiver interpretando erradamente a guerra, ou quando ele perceber duplicidade na sua execução.

O objetivo principal de nossos adversários, nesse ponto, não será simplesmente ganhar adeptos, mas enfraquecer a vontade dos EUA até o ponto de ruptura. Para apoiar esse objetivo, é provável que os adversários tenham estudado engajamentos passados dos EUA e percebido que o apoio público diminui quando um conflito dura muito tempo. Além disso, a divulgação rápida



Meios de comunicação militares dos EUA e do Iraque registram a cerimônia de transferência de responsabilidades de uma base de patrulha, em 04 Jun 10. Militares da 1ª Bda/1ª Div Bld dos EUA transferiram o controle às Forças de Segurança iraquianas, como parte da retirada faseada da região.

de informações por todo o mundo reduz o tempo de reação e pode apressar resultados. Por isso, ataques contra as tropas dos EUA irão focar a letalidade e a eficácia, a brutalidade e o valor que têm, como notícias para a imprensa. Um ataque de IED contra um pelotão dos EUA passa a ser, no final das contas, estratégico, e não tático³⁵.

Ramificações

A importância do treinamento e do desenvolvimento de líderes reside no fato de que, hoje, a maioria das comunicações ocorre no nível tático entre oficiais e soldados sem a existência de conceitos do nível estratégico³⁶. Todos os comandantes, até o nível tático, precisam ter um entendimento amplo e evolutivo do ambiente estratégico. Eles têm de possuir a capacidade de transmitir aos seus soldados, efetivamente, que o que eles fazem e a maneira como são vistos têm consequências duradouras e de longo alcance. Se as unidades táticas são o alvo das armas de um adversário que tenta enviar uma mensagem estratégica ao público interno dos EUA, então

elas terão de entender o conflito e o ambiente operacional para combater esse oponente com eficácia.

O adversário pensa globalmente e age localmente. Um entendimento estratégico adequado terá permeado as Forças estadunidenses com êxito, quando considerações sobre o impacto global de longo prazo estiver influenciando tudo, desde a segurança até as patrulhas, passando pelas comunicações internas, externas, e pelas interações com o povo local.

Os comandantes militares também precisarão identificar suas próprias oportunidades de informações. Seus adversários estão sendo igualmente observados e suas ações transmitidas pela mídia. Seus erros podem virar a opinião pública contra eles no seu próprio país e no exterior. Por exemplo, imagens obtidas por telefones celulares, que mostravam soldados guineano cometendo crimes, ajudaram a fortalecer a determinação da oposição em destituir o líder da junta militar do país³⁷. Em tais situações, em que surgem oportunidades

de informações, saber o momento de intervir com tropas, em vez de deixar os próprios cidadãos resolverem a situação por si mesmos, é um instinto importante que os comandantes militares dos EUA precisam desenvolver. Um entendimento completo do ambiente operacional ajudará esses comandantes a identificarem as oportunidades de informações e as linhas de ação apropriadas.

Abu Musab al-Zawahiri da *Al-Qaeda* disse, em julho de 2005, “Mais da metade desta batalha ocorre no campo da mídia... Travamos uma batalha na mídia, em uma corrida pelos corações e mentes de nosso *umma* (povo)”³⁸. Nossos próprios adversários disseram — não estão interessados em uma batalha de narrativas. Narrativas são meios para alcançar um objetivo: informações planejadas para diminuir os apoios político e popular ao conflito. O termo “batalha de narrativas” parece implicar que a transmissão de uma narrativa convincente é um objetivo em si. Zawahiri tem razão quando diz que o campo de batalha é a mídia — de fato, os campos de batalha escolhidos pela *Al-Qaeda*, e por organizações do tipo, são aqueles que elas sabem serem desafiadores para as Forças estadunidenses e uma oportunidade para as forças irregulares.

Seu discernimento estratégico cria um paradoxo para os Estados Unidos — embora o tático se torne estratégico, as vitórias táticas nem sempre equivalem a sucessos estratégicos. As Forças dos EUA podem ganhar uma batalha tática, mais ainda parecem vulneráveis quando explosivos caseiros penetram blindagens de alto custo. As batalhas que seriam vitórias, em um sentido tático militar, tornam-se perdas estratégicas, quando a sua imagem pública corresponde a um fracasso, moral ou operacional.

Em uma batalha de vontades, em contraste com a batalha de narrativas, o que importa, no final, não são tanto os símbolos ou as palavras, mas ações coerentes com essas palavras. Olhando para um futuro com guerras irregulares contínuas, as Forças estadunidenses não serão capazes de atingir seus objetivos somente apelando para a fé do público nos valores dos EUA. Os adversários continuarão tentando enfraquecer a vontade do país e de seus aliados, minando o moral de suas Forças. Os planejadores, em todos os escalões, terão de limitar as oportunidades de informações disponíveis ao adversário. Os soldados e os comandantes precisam estar dotados com as ferramentas apropriadas para agir, sempre que for possível, de forma clara, defensável e justificável. **MR**

REFERÊNCIAS

1. TRADOC. “Operational Environment: 2009-2025”, Ago 2009, p. 17.
2. *America's Wars*, disponível em: <<http://www.history.com/topics/americas-wars>>, acessado em: 21 Jul 10.
3. BARTHOLOMEES, J. Boone. “Theory of Victory”, *Parameters* 38, no. 2 (2008): p. 29-30.
4. RICKS, Thomas. *Foreign Policy*, disponível em: <http://ricks.foreignpolicy.com/posts/2009/09/28/barno_this_is_the_taliban_strategy>, acessado em: 28 Out 2009.
5. YOUSAFAZAI, Sami e MOREAU, Ron. “The Taliban in Their Own Words”, *Newsweek*, 5 Out 09.
6. TRADOC. “Operational Environment”, p. 17.
7. BAKER, Peter e GLASSER, Susan. *Kremlin Rising* (New York: Scribner, 2005), p. 102.
8. *Ibid.*
9. *Ibid.*
10. *Ibid.*, p. 112.
11. *Ibid.*, p. 113.
12. *Ibid.*, p. 116.
13. *Ibid.*
14. *Ibid.*, p. 206.
15. *Ibid.*, p. 166-167.
16. *Ibid.*, p. 161.
17. *Ibid.*, p. 159-160.
18. *Ibid.*, p. 176.
19. *Ibid.*, p. 177-178.
20. SHAN-NOS, “Go On Home British Soldiers”, *The Songs That Shake the Barley*, IML Irish Music Licensing Ltd, 2007.
21. “PSNI Step Up Dissident Crackdowns”. BBC News, disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/northern_ireland/8263983.stm>, acessado em: 29 Out 09.
22. MARTIN, James Kennedy. “Dragon’s Claws: The Improvised Explosive Device (IED) as a Weapon of Strategic Influence” (MA Thesis, Naval Postgraduate School, 2009), i. BARTHOLOMEES, p. 34, p.35.
23. BARTHOLOMEES, p. 26.
24. *Ibid.*, p. 31.
25. *Ibid.*, p. 32, p. 33.
26. TRADOC, “Operational Environment”, p. 9.
27. USJFCOM, “The Joint Operational Environment 2008”.
28. PAYNE, Kenneth. “Waging Communication War”, *Parameters* 38, no.2 (2008): p. 48.
29. BARTHOLOMEES, p. 29-30.
30. TRADOC, “Operational Environment”, p. 12.
31. PAYNE, p. 48.
32. *Ibid.*
33. MARTIN, p. i.
34. JOINT IMPROVISED EXPLOSIVE DEVICE DEFEAT ORGANIZATION, “Annual Report”, p. 5.
35. MARTIN, p. i.
36. PAYNE, p. 48.
37. NOSSITER, Adam. “In a Guinea Seized by Violence, Women Are Prey”, *New York Times*, 5 Out 09, disponível em: <www.nytimes.com/2009/10/06/world/africa/06guinea.html?hp>.
38. TRADOC, “Operational Environment”, p. 21.